

Os caminhos do conhecimento

The ways of knowledge

Daniel Francisco Rossi¹

¹ Graduado em Administração – Universidade Positivo, Pós Graduado em Auditoria e Gestão Financeira - FAE, Mestre em Engenharia da Produção – UFSC, Coordenador das Áreas Empresarial, Ambiental e Jurídica - E-mail: danielrossi2005@hotmail.com.

RESUMO

O artigo visa compreender a evolução do conhecimento (*episteme*) humano e sua consequência para a vida em sociedade, registrando, em resumo, conteúdos filosóficos, pensadores clássicos e o desenvolvimento da ciência ao longo da história humana. Contempla em análise os períodos de desenvolvimento do conhecimento humano, classificando-os livremente em períodos de infância, adolescência e maturidade do exercício do saber. Da estruturação da ciência clássica para as novas dimensões da ciência sistêmica, o texto busca apontar algumas possibilidades do impacto desse novo conhecimento reestruturado em rede, na vida em sociedade. Aborda, em essência, o desenvolvimento do conhecimento no impacto sobre a noção do próprio ser humano, por meio das ciências sociais e psicológicas.

Palavras-chave: Conhecimento. Desenvolvimento social. Pesquisa sistêmica.

ABSTRACT

The article aims to understand the evolution of human knowledge (episteme) and its consequences for human life in society, registering, in summaries, philosophical content, classical thinkers and development of science throughout human history. It contemplates, in analysis, the periods of development of human knowledge, classifying it in periods of childhood, adolescence and maturity of the exercise of knowledge. From the structuring of classical science, to the new dimensions of systemic science, it seeks to point out some possibilities of the impact of this new network-structured knowledge, on life in society. In essence, it addresses the development of knowledge of the impact on the notion of the very human being, through the social and psychological sciences.

Key-words: Knowledge. Social development. Systemic research.

PESQUISA

“busca, indagação, inquirição, investigação.” “buscar com diligência ; informar-se acerca de. (Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa, 1975)

A história humana é a história da evolução. De todos os animais da natureza, o único que modifica seu sistema de vida em busca de estados mais perfeitos de vida ao longo do tempo é o homem. O estudo da evolução no reino dos animais, no qual predominam os instintos e não a razão, leva ao conhecimento do fenômeno da adaptação física, do melhoramento contínuo das espécies ao longo de sucessivas gerações de aperfeiçoamento genético e instintivo. Mas, no animal racional – o homem –, a evolução não é física, ou esta não é a que o caracteriza fundamentalmente, mas sim intelectual, e as consequências morais dessa evolução o diferenciam de todas as demais linhas evolutivas conhecidas no planeta.

A capacidade de ampliação do conhecimento fez com que o homem se agrupasse para sobreviver, desenvolvesse a linguagem, a escrita e se mesclasse com outras raças e culturas, estabelecendo novos padrões de comportamento e convivência, distanciando-o infinitamente dos padrões evolutivos das demais formas de vida, repetitivas e previsíveis em sua maioria. No entender de EVERETT, em entrevista concedida à Revista *Veja* (2012), é por meio da capacidade de formular a linguagem que “consequimos formular pensamentos e acumular conhecimento no decorrer das gerações”.

O povoamento humano ao longo do tempo é constituído por diversos agrupamentos, aproximados pela linguagem e pelos costumes, que seguem em trajetória pelos ambientes terrenos desviando-se e adaptando-se geograficamente conforme as necessidades de sobrevivência impostas pela sua condição humana. Embora haja constantes atualizações científicas na área da arqueologia, um estudo de Stephen Oppenheimer, de 2003, do Instituto de Antropologia Cognitiva e Evolucionária da Universidade de Oxford, apoiado pela Fundação Bradshaw, demonstra a saga da civilização humana. Nesse contexto, nos últimos 100 mil anos de história, partindo da África, o ser humano chega à Ásia e, atravessando o mar vermelho, à Índia. Os que ficam no local, adaptam-se, e os que partem se reagrupam em botes em direção à Austrália. Outros, em condições climáticas que favoreciam, partiam em direção à Europa e à Ásia Central, seguindo até o leste europeu.

A ânsia por melhores condições fizeram o ser humano atravessar o estreito de Bering em direção à América do Norte e a colonizações na América do Sul. Nessa jornada de 100 mil anos, em 10.000 anos a.C estabeleceu-se o domínio da agricultura e do *Homo sapiens* como se conhece hoje.

O desenvolvimento, nos últimos 10 mil anos, dessa população de 4 milhões de pessoas, chegando a 7 bilhões de habitantes nos dias atuais, é notável, assim como seu acúmulo de conhecimento, em contínua tentativa de convivência com as forças da natureza e as demais espécies do planeta.

A infância do conhecimento

Povos com conhecimentos fantásticos e ainda inexplicáveis em sua totalidade viveram nesse período, que pode ser considerado como o período da infância do conhecimento, em alusão às fases de desenvolvimento do ser humano.

A disposição natural de ampliação de territórios e domínios levou a humanidade a passar por diversos impérios, agrupando grande número de terras e populações. Silva, Cabral e Munhoz (2009) narram o surgimento e o crescimento do Império Persa (atual Irã) em 550 a.C. sob o reinado de Ciro, o Grande. Nessa época, já havia províncias que pagavam impostos e, portanto, existia um sistema de administração pública rudimentar para garantir o equilíbrio dos povos conquistados. Dario I e seu filho Xerxes foram derrotados pelos gregos, o que deu início a um outro período, chamado Helênico (grego), e ao Império Macedônico, de Alexandre, o Grande (333 a.C.), culminando na anexação da península grega e ilhas por Roma em 146 a.C, no mais conhecido dos Impérios: o Romano.

Os impérios – a urbanização – deram velocidade ao conhecimento humano, proporcional à capacidade de convivência dos povos.

Nessa sequência de conquistas e de transformações dos mapas políticos mundiais, destaca-se a busca do conhecimento no período Helênico. Na observação de DURANT (1959), nesse período,

já os homens não se limitavam a pedir às estrelas que os orientassem nos mares; pediam-lhes também a explicação dos enigmas do universo; os primeiros filósofos gregos foram os astrônomos. Orgulhosos de suas realizações, diz Aristóteles, os homens empreenderam-nas muito maiores depois da guerra com os persas; dedicaram-se a todos os estudos e procuraram ampliá-los cada vez mais. Em seguida, cobrando maior arrojo, tentaram das explicações naturais a fenômenos e sucessos até então atribuídos a agentes e poderes sobrenaturais; a magia e os ritos cederam lugar à ciência e ao exame crítico – e a filosofia nasceu.

Sócrates, Platão, Aristóteles, Pitágoras, entre outros, fizeram nascer a matemática, a física, a biologia e as sementes das áreas científicas conhecidas atualmente.

Os impérios passaram e suas estruturas propiciaram a troca incessante de conhecimento entre povos e nações. Em geral, esses Impérios permitiam que cada povoamento mantivesse suas crenças. Assim, conviviam uma enormidade de deuses e ritos, até que as ideias do cristianismo primitivo, duramente perseguido, fossem Institucionalizadas pelo Império Romano em 325 d.C, com o Concílio de Niceia, sob o comando do Imperador Constantino. O cristianismo, então, deixou de ser um movimento natural de transmissão oral da mensagem cristã entre as gerações para se tornar um corpo de doutrina religiosa Institucional, que passou a exercer enorme poder, mesclando-se perigosamente ao poder político e à sua lógica econômica, que, por sua vez, acabou com a tolerância religiosa entre os povos por um longo período de tempo, na chamada Idade Média.

O fim do Império Romano, com a invasão dos bárbaros no século V, os quais destruíram fronteiras e conquistas, como o Direito Romano, e geraram um êxodo urbano. Assim, a fuga das pessoas dos controles tiranos deu origem ao sistema feudal, de suseranos que controlavam as terras e de vassalos que dela tiraram seu sustento, todos sob a mão forte do clero. Ainda assim as invasões continuaram: árabes, vikings, mongóis e húngaros disputaram espaços e domínios nos mais de 1.000 anos de obscuridade intelectual que caracterizam a Idade Média.

A adolescência do conhecimento humano

A evolução continua mesmo na Idade Média, conhecida como *Idade das Trevas* por muitos pesquisadores. As trocas mercantis favoreciam as trocas culturais e, mesmo com a

violência das invasões, novas fronteiras tecnológicas bélicas eram criadas e incorporadas ao arsenal de conhecimentos humano. No século XII e XIII foram fundadas as primeiras universidades: Paris, Oxford, Bolonha, Coimbra. Assim, as traduções de textos gregos e árabes disponibilizaram uma vasta gama de conhecimentos em diversas áreas, como a astronomia, a matemática, a biologia e a medicina.

No mundo ocidental, os conhecimentos dos textos bíblicos eram acessíveis a poucos, pois, das traduções do Velho e Novo Testamento, os textos eram disponíveis apenas em grego e latim, línguas compreendidas por pequena parte da sociedade. O acesso a esse conhecimento pela população em geral só foi possível graças às iniciativas pioneiras de John Wycliffe (1320-1384), professor da Universidade de Oxford, na Inglaterra, e Jan Huss (1369-1425), na Boêmia (onde hoje é a República Tcheca), que ousaram traduzir e pregar os evangelhos em sua língua natal, acusando os desvios eclesiásticos e pagando o preço com as próprias vidas, o que não foi em vão, pois esboçaram o movimento posterior das reformas protestantes religiosas. Estas deram novas e diferentes interpretações ao conhecimento religioso cristão, influenciando diretamente todo um movimento político em torno dos poderes das instituições religiosas, que exerciam o poder em grande parte do mundo medieval.

Analisando as consequências da ética protestante e sua importância para a formação do capitalismo, sistema que passou a vigorar após o fim da Idade Média e o início da Revolução Industrial, Weber (2010) destaca: “mas sobretudo a maioria das cidades ricas haviam-se convertido ao protestantismo já no século XVI, e os efeitos disso ainda hoje trazem vantagens aos protestantes na luta econômica pela existência”.

O transcendente: a busca pelo conhecimento renovava suas forças. As ciências, cujas sementes foram lançadas pela Filosofia e foram disseminadas por mais de 1000 anos nas terras da Idade Média, floresciam por toda parte, ampliando a visão do ser humano em diversas áreas.

O renascimento, até meados do século XVII, permitiu um ambiente de transformações culturais e revoluções do conhecimento. Na Inglaterra, estas iniciaram por meio de Francis Bacon (1562-1626). Sobre esse filósofo, diz Durant (1959): “Jamais homem algum pôs mais vida na lógica, fazendo da indução uma aventura épica e uma conquista”.

O *Novum Organum* foi a obra fundamental de Bacon, a qual propõe uma revolução nos métodos de investigar e de pensar, no sistema de ciência e lógica. Conforme a análise de Durant (1959), no primeiro aforismo da obra, “O homem, ministro e intérprete da natureza, só faz e compreende tanto quanto lhe permitem suas observações sobre a natureza das coisas; mais do que isso não conhece, nem é capaz de conhecer”.

René Descartes (1596-1650), em sua obra *Discurso do Método*, na qual institui a dúvida como princípio, diz:

1º jamais empregar senão ideias claras e distintas, isto é, cujo conteúdo seja inteiramente evidente; 2º ir sempre das ideias às coisas, isto é, nunca atribuir algo às coisas senão o que percebemos com evidência nas ideias delas; 3º dispor todas as nossas ideias em uma ordem tal que cada uma seja precedida de todas aquelas de que ela depende e que ela preceda todas aquelas que dela dependem. (DESCARTES, 2009)

Mais à frente, quando trata da Moral, Descartes (2009) afirma:

O conhecimento seguro da verdadeira metafísica e da verdadeira física permite deduzir os princípios e o conteúdo de uma moral matematicamente certa. Conduzir seus pensamentos e reger suas ações assim como convém para sermos felizes, eis qual o objeto próprio da moralidade. Ora, a única maneira segura de agir como é preciso para sermos felizes é agir segundo a razão.

Isaac Newton (1643-1727), na Inglaterra, comprovou o heliocentrismo por meio da formulação de sua teoria sobre o movimento dos planetas, convivendo pacificamente com a Igreja Anglicana mesmo contrariando os dogmas vigentes. Por toda sua obra, é considerado um dos maiores responsáveis pela ciência moderna. Sobre isso, Durant (1969), em *Obras Filosóficas*, afirma que:

os Princípios de Newton estabeleceram a hoje indisputada hegemonia da ciência no pensamento moderno; que as leis do movimento e da mecânica, como ele as estabeleceu, tornaram-se a base de todos os progressos posteriores.

Voltaire, brilhante pensador francês (apud DURANT, 1969), acreditava que Newton era o maior homem “porque é a quem conquista o nosso espírito pela força da verdade, e não a quem nos escraviza pela violência, que devemos reverenciar”.

Capra (1983) assim resume esse período científico:

O nascimento da ciência moderna foi precedido e acompanhado por um desenvolvimento do pensamento filosófico que deu origem à formulação extrema

do dualismo espírito/matéria. Essa formulação veio à tona no século XVII através da filosofia de René Descartes.

Esse mesmo autor completa que “Essa visão mecanicista do mundo foi sustentada por Isaac Newton, que elaborou a Mecânica a partir de tais fundamentos” (CAPRA, 1983).

A astronomia de Galileu, a física de Newton e a biologia de Charles Darwin, esta última explicando as origens e evolução das espécies, área antes tocada somente pelo poder eclesiástico, romperam com esse mesmo poder. Nesse contexto, percebe-se que o conhecimento é obtido pela ciência, com fatos verificados com método de pesquisa e observação, a fim de se comprovar um novo conhecimento, uma nova verdade, e não imposto em forma de dogmas. Essa revolução do conhecimento gerou a chamada Ciência Moderna.

Estava criada, assim, a era da razão, por meio do movimento conhecido como **Iluminismo**, iniciado no século XVIII na Europa. Na França, com Diderot almejando publicar um resumo do conhecimento humano na obra *Encyclopédie* (1750-1772) e Jean Jaques Rousseau (1712-1778), com a obra *Contrato Social*, cujo impacto Monroe (1974) resume da seguinte forma: “A John Locke cabe a honra de ter escrito o primeiro livro de educação que trata principalmente da criança, mas a Rousseau cabe a honra de derivar suas teorias educativas da natureza da criança”. Isso porque, para Rousseau (1957), “Procuram o homem na criancinha, e não curam nunca do que seja a criança antes de chegar a ser um homem”.

John Locke (1632-1704), na Inglaterra, escreve o *Ensaio acerca do Entendimento Humano*, obra na qual desenvolve uma teoria sobre a origem e a natureza dos conhecimentos humanos. Adam Smith (1723-1790), na Escócia, desenvolveu os conceitos fundamentais da economia moderna com a obra *Uma investigação sobre a natureza e a causa da riqueza das nações* (1776), embora menos conhecido seja seu primeiro trabalho, *A Teoria dos Sentimentos Morais*, de 1759. Na Alemanha, o destaque foi Immanuel Kant (1724-1804), entre tantos outros pensadores que posicionaram o conhecimento em outros patamares, fazendo avançar a revolução do pensamento.

Interessante notar, na história do conhecimento humano, que, na mesma era da razão, nasceram os estudos dos fenômenos chamados sobrenaturais ou metafísicos. As filosofias espiritualistas procuravam transcender as explicações sobre os motivos e os

caminhos da existência humana. Rompendo com o pensamento religioso institucionalizado, permitiu questionar fenômenos e as causas de fatos que sempre ocorreram com a humanidade e que, por absoluta falta de conhecimento, foram contados como histórias fantásticas, milagres inexplicáveis. Da faceta científica das filosofias espiritualistas, são exemplos a obra *Fatos Espíritas*, do inglês Sir Willian Crookes (1832-1919), eminente químico e membro da Academia Real de Ciências, cujas descobertas impactaram a química e a física. Crookes (1983) afirma o seguinte:

O meu fim principal será, pois, fazer conhecer a série de manifestações que se produziram na minha casa, em presença de testemunhas dignas de fé, e sob as condições dos mais severos exames que pude imaginar. [...] Ver-se-á que todos esses fatos têm o caráter mais surpreendente, e que parecem inteiramente inconciliáveis com todas as teorias conhecidas da ciência moderna.

Eminentes cientistas como Oliver Lodge (1851-1940), reitor da Universidade de Birmingham, Camille Flammarion (1842-1925) astrônomo francês, fundador da Sociedade Astronômica da França, Charles Richet (1850-1935), fisiologista francês, Prêmio Nobel de Medicina em 1913, que escreveu o *Tratado de Metapsíquica*, em 1922, analisando efeitos de fenômenos mediúnicos, entre outros cientistas da época, dedicaram-se a estudos para revelar novos conhecimentos no campo do que anteriormente chamava-se de ciências ocultas. O escritor britânico Arthur Conan Doyle, conhecido por suas obras de ficção policial com o personagem Sherlock Holmes, escreveu uma obra intitulada *História do Espiritismo*, traduzida para o português por Monteiro Lobato (a palavra anglo-saxã é única para designar espiritualismo e espiritismo), na qual analisa pessoalmente alguns fenômenos, mas deixa principalmente sua contribuição ao relatar a história dos fenômenos sobrenaturais, em que eminentes pesquisadores são citados e analisados. Doyle (1990) afirma sobre os motivos que o levaram a realizar tal obra:

uma história que tivesse a vantagem de ser escrita de dentro e com um pessoal conhecimento íntimo dos fatores característicos desse moderno desenvolvimento. É realmente curioso que esse movimento, que muitos de nós consideramos como o mais importante na história do mundo desde o episódio de Jesus Cristo, jamais tenha tido um historiador.

O conhecimento social

Em contraponto às percepções espiritualistas da filosofia, as discussões sobre o sentido das religiões, as tentativas de conciliação do conhecimento científico com as crenças espirituais, surgem doutrinas sociais materialistas que ocuparam espaço na história para poder redesenhara sociedade. A filosofia social de Marx(1818-1863) amparada por Engels, (1820-1895), teóricos alemães do socialismo científico, questionavam o modelo de sociedade entre classes dominantes e dominadas, patente desde o início da jornada humana, representados pelos monarcas e plebeus, imperadores e súditos, nobres e vassalos e burgueses empresários e trabalhadores proletários. MARX (2007) afirma que uma revolução era necessária, pois,

os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com quem se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se a si e às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária, os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado [...].

Marx, em resumo da tese, com a nobre intenção de ajustar os problemas sociais criados pelo sistema vigente, propõe uma revolução social, nivelando e alterando radicalmente as estruturas do poder e da distribuição de bens e espaços para o bem comum a todos. As tentativas de aplicação desse modelo social resultaram em experimentos políticos dolorosos para a sociedade, pois o nivelamento social é improvável, devido à medida das diferenças intelectuais e morais que as pessoas apresentam. São essas diferenças que têm permitido ao homem vislumbrar novos caminhos e formas de convivência por meio da troca, do aprendizado, da educação. Plekhanov (1963), sobre a ideia fundamental de Marx, resume: “As relações de produção determinam todas as outras relações que existem entre os homens na sua vida social”.

Estava criticada a base do sistema capitalista, que ganhou força durante o século das luzes, o século da razão e o século XIX e impera definitivamente nos dias atuais, em que pese os inúmeros problemas sociais que desequilibram em muito as relações sociais.

Ainda que possa haver inúmeras críticas ao pensamento do socialismo por causa de sua aplicação desastrosa em boa parte do mundo que o abraçou, claro que este ainda pode representar verdades, na medida em que o próprio capitalismo não conseguiu resolver inúmeros problemas sociais e ambientais. O modelo socialista ainda precisa ser ajustado a dar manutenção à vida social equilibrada, pois o modelo atual mal oferece condições de sobrevivência.

Lallement (2004), em sua análise sobre os teóricos críticos dos problemas do capitalismo no início do século XX, declara:

As aventuras do marxismo não terminam com a segunda Guerra Mundial. Tanto na Europa como nos EUA, as reconstruções e os debates sobre a atualidade de Marx ganham novo vigor a partir do começo dos anos 1960. Na França, como vimos, no lado oposto da leitura marxista existencialista de Jean-Paul Sartre [...]. Na Alemanha, marcada pelo traumatismo do totalitarismo nazista, os filósofos e sociólogos da Escola de Frankfurt de volta do exílio desenvolvem uma crítica da razão contemporânea demasiadamente disposta, segundo eles, a vacilar a serviço da dominação. Para Horkheimer e Adorno (*A dialética da razão*, 1944), a Filosofia das Luzes não foi capaz de validar o princípio da razão que ela manipulava como arma adequada para derrubar os mitos e a magia.

As ciências sociais se desdobraram no século da razão. O francês Émile Durkheim (1858-1917), que estabeleceu regras para o método sociológico, assim como o alemão Max Weber (1864-1920) e o americano Talcott Parsons (1902-1979), são alguns dos nomes de referência no campo do desenvolvimento do conhecimento da vida social.

A história da evolução do conhecimento humano, ainda que haja diversas correntes de pensamento social, demonstra que o homem evolui por meio do próprio homem: no processo de convivência, no agrupamento, nas trocas sociais e culturais, na busca de compreender o outro e a si mesmo sobre os motivos da vida.

O busca do conhecimento **imanente** começou com o conhecimento sobre o próprio corpo, por meio das ciências médicas, cujas descobertas são relativamente recentes na sua capacidade de compreensão do funcionamento do corpo humano. Segundo Thorwald (2009), a primeira cirurgia com narcotização anestésica, pedra angular na história das cirurgias, ocorreu em 1846. Sobre isso, na visão de Bertrand Gosset (apud THORWALD, 2009), “tudo o que existia antes eram apenas trevas de ignorância, de sofrimento, de tentativas infrutíferas a escuridão. Mas a história dos

últimos cem anos oferece o mais extraordinário panorama de que a humanidade tem conhecimento”.

A maturidade do conhecimento

O imanente ampliou o estudo do corpo humano, entrando em sua mente com a psicologia de Freud (1856-1939), austríaco fundador da psicanálise, revelando inúmeras causas sobre os efeitos do comportamento e abrindo um vasto mundo novo de conhecimentos, de explicações que resultaram em uma nova teoria sobre a mente e o comportamento. Um novo mundo de conhecimento se abriu para as revelações dramáticas sobre doenças comportamentais, e cujo tratamento passa, em boa parte, por fazer com que a pessoa conheça-se melhor, mais profundamente, para poder ela mesma recapitular suas ações e seus pensamentos, a fim de alcançar uma vida equilibrada emocionalmente. Carl Jung (1875-1961), discípulo de Freud, avança nos conhecimentos sobre o desenvolvimento da personalidade aplicada na educação. Sobre essa questão, Jung (1972) expõe:

Se alguém quer educar, que primeiro seja educado. O que ainda hoje se pratica em relação ao método de decorar e ao emprego mecânico de outros métodos, não é educação de forma alguma, nem para a criança nem para o próprio educador.

Esse autor afirma ainda o seguinte: “Mas quem educa para a formação da personalidade? Em primeiro lugar, são os geralmente pais incompetentes, os quais permanecem a vida inteira meio crianças ou totalmente crianças” (JUNG, 1972).

O conceito de inteligência se amplia

Ledoux (1996) afirma que “Muitas emoções são fruto da sabedoria evolutiva, provavelmente mais inteligente do que todas as mentes humanas reunidas”. A emoção foi entendida como uma inteligência por Daniel Goleman, na obra *Inteligência Emocional* (1996), e o equilíbrio emocional invariavelmente está atrelado ao conceito de vida saudável, digna de uma maturidade intelectual que faz o sujeito observar com muito mais

atenção os aspectos morais da vida, domar seus antigos instintos de sobrevivência, livrar-se do império das sensações e descortinar os sentimentos da verdadeira fraternidade que elevará a condição humana do estágio atual para um mundo com o equilíbrio social, buscado há milênios.

Nesse ponto, Ledoux (1996) que, “De fato, emoções desordenadas podem trazer consequências irracionais e até mesmo patológicas, mas as emoções em si não são necessariamente irracionais”. Damásio (1996) acrescenta sobre essa questão:

sugeri no início do livro que os sentimentos exercem uma forte influência sobre a razão, que os sistemas cerebrais necessários aos primeiros se encontram enredados nos sistemas necessários à segunda e que esses sistemas específicos estão interligados com os que regulam o corpo.

Na linha de pesquisa que ampliava o conceito de inteligência, Gardner (1995) completa:

Mas existe uma visão alternativa que eu gostaria de apresentar – baseada numa visão da mente radicalmente diferente, que produz um tipo de escola muito diferente. É uma visão pluralista da mente, reconhecendo muitas facetas diferentes e separadas da cognição, reconhecendo que as pessoas têm forças cognitivas diferenciadas e estilos cognitivos contrastantes.

Uma nova ciência se apresenta através das tentativas de composição do conhecimento sistêmico, abrangente, que se infiltra em diversas e diferentes áreas da vida, numa rede complexa de interações causais.

Várias críticas são feitas ao modelo científico estabelecido há quase 200 anos, por este não incluir explicações para sistemas complexos, compostos por sistemas menores interdependentes. Refletindo sobre isso, Santos (2002) diz que:

A ciência social será sempre uma ciência subjetiva e não objetiva como as ciências naturais; tem de compreender os fenômenos sociais a partir das atitudes mentais e do sentido que os agentes conferem às suas ações, para o que é necessário utilizar métodos de investigação e mesmo critérios epistemológicos diferentes dos correntes nas ciências naturais, métodos qualitativos em vez de quantitativos, com vista à obtenção de um conhecimento intersubjetivo, descritivo e compreensivo, em vez de um conhecimento objetivo, explicativo e nomotético.

Ainda sobre essa questão, Capra (1983) argumenta que:

Em contraste com a visão mecanicista ocidental, a visão oriental do mundo é orgânica. Para o místico oriental, todas as coisas e todos os fatos percebidos pelos sentidos acham-se inter-relacionados, unidos entre si, constituindo tão simplesmente aspectos ou manifestações diversos da mesma realidade última.

Esse autor ainda contribui para as reflexões acerca do conhecimento quando diz:

Nossa tendência para dividir o mundo que percebemos em coisas individuais e isoladas, e para experimentar a nós mesmos como egos isolados neste mundo, é vista como uma ilusão proveniente de nossa mentalidade voltada para a mensuração e a categorização. Essa tendência é denominada ignorância na filosofia budista, sendo considerada como o estado de uma mente perturbada que necessita ser superada. (CAPRA, 1983)

A sustentabilidade

A ampliação dos argumentos de ciências inter-relacionadas, aliadas a descobertas importantes na esfera ambiental, envolveu vários pesquisadores, responsáveis por criar, neste último século, uma consciência e cultura ambientalista.

Maioli (2011) cita a bióloga americana Rachel Carson, autora do livro *Primavera Silenciosa*, de 1962, bem como o biólogo francês René Jules Dubos, que inseriu o meio ambiente nos estudos de causas das doenças, numa visão integradora e sistêmica, o qual, junto com Barbara Ward, redigiu o *Relatório da Primeira Conferência das Nações Unidas para o Meio ambiente*, em Estocolmo, no ano de 1972. Nesse relatório se encontram frases como: “*pense globalmente, aja localmente*”. A obra *Os Limites do Crescimento*, de Donella Meadows, lançada em 1972, foi fundamental na coordenação da equipe de especialistas e pesquisadores do Massachusetts Institute of Technology, contratados pelo Clube de Roma.

Após esses estudos e seus impactos, a humanidade caminha realizando eventos importantes, como a série de Conferências da Organização das Nações Unidas (ONU) para tratar a questão do meio ambiente: a Rio-92, a Agenda 21, os protocolos de Kyoto e de Cartagena, a Rio+20. Maioli (2011) lembra ainda que:

em 1973, Maurice Strong e Ignacy Sachs formularam o conceito de ecodesenvolvimento (Sachs, 1986), com o qual defendiam outra forma de desenvolvimento além da utilizada até então. Ele contemplaria três fatores: economia, meio ambiente e social.

A vida social das novas gerações

A geração atual convive, portanto, com um conjunto dos conhecimentos filosófico, social e ambiental, e uma visão integradora de todos esses aspectos da vida humana. O momento se apresenta com inúmeras oportunidades de geração de novos conhecimentos, que impactem na vida e em sua sustentabilidade.

A evolução pelo conhecimento – a filosofia –, quando aplicada ao estudo da convivência entre contingências éticas e morais, tira o homem do domínio dos instintos e o coloca na busca dos sentimentos, visando atingir a maioria intelectual e moral, bem como na busca do transcendente e do imanente, da aplicação de todas as ciências que se desdobraram ao longo desse percurso da história humana.

Qualquer sistema filosófico que não faça o homem avançar em direção ao crescimento intelectual e moral está fadado a ser somente uma nota passageira na história.

A pesquisa, a busca, a curiosidade de ir além do habitual e de investigar as causas dos fenômenos da vida, do sofrimento social e individual, bem como as alternativas de convivência pacífica em um mundo em equilíbrio social e ambiental, são questões fundamentais da vida e da filosofia moderna, que reúne sistemicamente uma série de saberes, expostos de forma muito resumida neste artigo, mas que objetivam abrir campo a novos estudos, com novos métodos, numa visão integradora do conhecimento, cuja finalidade seja a de melhorar aspectos da vida humana.

REFERÊNCIAS

- CAPRA, Fritjof. **O Tao da física**. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 1993/1995.
- CROOKES, Willian. **Fatos espíritas**. 7. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1971.
- DAMASIO, Antonio R. **O erro de Descartes**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- DESCARTES, René. **Discurso do método**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- DOYLE, Arthur Conan. **História do espiritismo**. São Paulo: Pensamento, 1991.
- DURANT, Will. **História da filosofia**. Tradução de Monteiro Lobato. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1959.
- _____. **Obras filosóficas**. 8. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1969. (Coleção Os Grandes Pensadores).
- ENCICLOPÉDIA Mirador Internacional. 4. ed. São Paulo: Encyclopædia Britannica do Brasil, 1975.
- GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas**. 1ª. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.
- JUNG, Carl Gustav. **O desenvolvimento da personalidade**. São Paulo: Círculo do Livro, 1972. Edição integral.
- LALLEMENT, Michel. **História das ideias sociológicas**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- LEDOUX, Joseph. **O cérebro emocional**. 3. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.
- MAIOLI, Marcos Rogério; STADLER, Adriano. **Organizações e desenvolvimento sustentável**. Curitiba: Ibpex, 2011.
- MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luis Bonaparte**. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- MONROE, Paul. **História da educação**. 10. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1974.
- OPPENHEIMER, Stephen. **Journey of Mankind**. 2003.
Disponível em: <<http://www.bradshawfoundation.com/journey/>>. Acesso em: 1º abr. 2012.
- PLEKHANOV, G. **A concepção materialista da história**. 3. ed. São Paulo: Escriba, 1963.
- REVISTA VEJA, São Paulo: Abril, 7 mar. 2012.
- ROUSSEAU, Jean Jaques. **Emílio**. 2. ed. Lisboa: Inquerito Ltda., 1957. (Cadernos Culturais).
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira; CABRAL, Ricardo Pereira; MUNHOZ, Sidnei. (Coord.). **Impérios na história**. Rio de Janeiro: Campus/ Elsevier, 2009.

THORWALD, Jurgeen. **O século dos cirurgiões**. São Paulo: Boa Leitura S.A., 2009.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Schwarcz, 2010.